

A SOCIOLINGUÍSTICA E SUAS PRINCIPAIS CORRENTES DE ESTUDO

Rejane Witkowski

Tutora Externa: Márcia Cristina Neves Voges

Professora: Bruna Alexandra Franzen

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (LED0168) - Sociolinguística - Prática

Módulo III

24/11/2013

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discorrer sobre as principais correntes de estudo da sociolinguística. São elas: a dialetologia, a sociolinguística variacionista e a sociolinguística interacional. Para tanto, foram pesquisadas obras de linguistas, bem como suas bases teóricas, artigos e trabalhos acadêmicos, sobre o tema, a fim de detalhar o estudo sobre seus fundamentos e conceitos. O resultado desta pesquisa proporciona uma visão da necessidade natural do ser humano de se comunicar. A partir de tais discussões, é possível conscientizar-se da riqueza e da relevância de compreender a fala em situações reais de uso.

Palavras-chave: Linguagem falada. Análise. Correntes de estudo.

1 INTRODUÇÃO

A sociolinguística é uma área da linguística que estuda a língua falada relacionando-a com a sociedade, ou seja, trata do uso da língua falada em situações reais. Por ser um estudo amplo, surgiu como uma área multidisciplinar, pois aborda, além de estudos linguísticos, estudos sociológicos e antropológicos. Sabemos que a língua varia em muitos aspectos: de acordo com a região em que é falada, o sexo do falante, a posição social que este ocupa, a idade, o contexto histórico, ou seja, varia de acordo com a situação sociocomunicativa. Para analisar esta diversidade linguística, a sociolinguística conta com três correntes principais, a dialetologia, a sociolinguística variacionista e a sociolinguística interacional.

Cada nação do mundo possui uma língua oficial, uma língua nacional, o que leva a uma ideia de linearidade e uniformidade. Afinal, uma língua identifica um povo, uma

nação. Se perguntados qual a língua oficial na Inglaterra, responderemos: “O inglês”. Se questionados sobre a língua oficial brasileira, saberemos que é o português. Porém, se analisarmos mais atentamente, veremos que dentro de um mesmo país, principalmente um país com dimensões continentais como o Brasil, há enormes diferenças entre as línguas faladas em cada estado e, também, em municípios de um mesmo estado. A língua nacional é a mesma, porém com diferenças regionais oriundas de contextos históricos e culturais, de colonizadores e suas influências. É, sem dúvida, uma área de estudo riquíssima.

Os estudos sociolinguísticos abordam a diversidade linguística a partir de uma macroanálise das variedades linguísticas ou ainda a partir de uma microanálise dessas variedades. De acordo com Louis-Jean Calvet (2002), afirmar que uma análise é macro ou micro depende do ponto sob o qual estamos encarando. Dentro de um contexto familiar, podemos encarar a

análise como sendo macro, porém podemos encará-la como micro se comparada à análise de um bairro ou cidade.

A partir do exposto, no presente trabalho, objetivamos discorrer sobre as principais correntes de estudo da sociolinguística. Para tanto, a partir desta introdução, apresentamos as definições acerca de cada área estudada, a saber: dialetologia, sociolinguística variacionista e a sociolinguística interacional. Na sequência, apresentamos as considerações inferidas com o estudo realizado.

2 PRINCIPAIS CORRENTES DA SOCIOLINGUÍSTICA

Com o amparo da sociolinguística, muito se tem debatido e apresentado no contexto acadêmico, alertando os futuros educadores para a existência da diferença em oposição à deficiência. Não existem línguas fáceis ou difíceis, mas línguas diferentes. Ao mesmo tempo, não se pode afirmar que há vocabulário rico ou pobre, mas um vocabulário adequado a cada situação interativa. Isso posto, apresentamos as correntes de estudo da sociolinguística para conhecer essas subáreas que envolvem o estudo das variedades da língua.

Cada uma das correntes busca abordar de modo particular a diversidade linguística existente. Por esse motivo, é relevante refletir sobre cada uma delas de modo particular, a fim de aprofundar a compreensão em torno dos diversos contextos de estudo da sociolinguística.

Assim, apresentaremos os pontos de estudo da dialetologia, da sociolinguística variacionista e da sociolinguística interacional, uma reflexão teórica que se desdobra na prática em sala de aula e na compreensão da sociolinguística enquanto ciência.

2.1 A DIALETOLOGIA

A dialetologia ou geografia linguística, como algumas literaturas se referem, é uma subárea da sociolinguística. Surgiu no século XIX com a preocupação inicial de registrar e descrever as variedades linguísticas regionais, tendo início, no Brasil, com a publicação de “O Dialeto Caipira” de Amadeu Amaral, “O linguajar carioca” de Antenor Nascentes e “A língua do Nordeste” de Mario Marroquim. Tem como foco de estudo a variação linguística em regiões geográficas diferentes sincronicamente (em um determinado ponto do tempo/recorte sincrônico) e diacronicamente (através dos tempos e, conseqüentemente, as transformações que sofre em sua evolução). Além disso, essas variações podem ser descritas diatopicamente (de acordo com a variação regional) e diastraticamente (variação social). Esta está relacionada a outros fatores relevantes que identificam o falante em uma determinada comunidade linguística como objeto de pesquisa. São eles: a classe social a que o indivíduo pertence, o sexo, a idade e o contexto social. Comunidade linguística (ou de fala) é compreendida como um “[...] conjunto de pessoas que interagem verbalmente que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos” (ALKMIM, 2005, p. 31).

Dentre outros conceitos estudados pela dialetologia está também o problema da inteligibilidade mútua ou intercompreensão, ou seja, a possibilidade de comunicação entre falantes de línguas distintas, porém similares, sem que haja, por parte dos interlocutores, um conhecimento prévio da língua. Isso pode ser visto entre falantes de língua portuguesa e falantes de língua espanhola, por exemplo, nas situações de diglossia, considerada como um tipo particular de bilinguismo, porém relacionado à sociolinguística.

Nesse conceito, duas línguas coexistem em uma mesma sociedade, uma sendo considerada como de maior prestígio que a outra, mais formal, falada pela elite

intelectual e também utilizada na forma escrita, e a outra com menos prestígio, mais popular, utilizada entre falantes de classe menos culta e menos favorecida. Os usos dependem da situação ou contexto. Como exemplo para a diglossia, temos o espanhol e a língua catalã falados na região da Catalunha, na Espanha, bem como o português, utilizado em formas diferentes de acordo com o contexto no qual o falante está inserido, em situações formais, a forma culta, em contextos informais, o português coloquial, que, muitas vezes, não obedece à norma culta.

Outro conceito é o pluricentrismo. Neste, há uma única língua com vários dialetos padrões, porém com variantes e diferenças tanto na língua falada, como na escrita (pronúncia, vocabulário, escrita, entre outros). A língua inglesa é um exemplo de uma língua pluricêntrica, pois é falada em vários países, tais como Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia, porém com várias diferenças e variantes. Pode-se dizer que falantes nativos da língua, mesmo que utilizando qualquer uma das versões, podem se comunicar sem que ocorram falhas significativas que prejudiquem a comunicação. A língua inglesa, de acordo com Kenesei (2006), é considerada um caso simétrico de língua pluricêntrica, porque não há uma dominação clara (ou prestígio) de uma variedade sobre outras.

2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

O modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista opera com números e tratamento estatístico dos dados coletados. Surgiu a partir dos estudos de William Labov, linguista americano, em meados da década de 1960. Também é conhecida como a Teoria da Variação.

O objetivo principal é compreender como as mudanças se dão nos sistemas linguísticos e encontrar as explicações para

as variedades inerentes aos sistemas, a partir da análise da linguagem em seu contexto social. Atua sobre dois conceitos principais: a variação e a mudança. A variação pode ser definida como as transformações coexistentes para um mesmo significado nas comunidades de fala, sejam em níveis morfológicos, fonológicos, sintáticos, regionais e/ou sociais. Contamos com, pelo menos, quatro tipos de variação linguística: variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica.

A variação diacrônica tem como objetivo apontar as mudanças que ocorrem naturalmente no tempo e no espaço, pois, por sofrer a influência dos contextos, a língua não permanece estática com o passar do tempo.

A variação diatópica refere-se às mudanças que ocorrem na língua em diferentes estados ou países que adotam a mesma língua materna. Podemos mencionar a língua inglesa como exemplo de variação diatópica, como mostrado na seção anterior ou, até mesmo, o português falado no Brasil (nos diferentes estados brasileiros, bem como municípios de um mesmo estado, e o falado em Portugal). Tanto no inglês, como no português, podemos encontrar diferenças significativas que podem comprometer a comunicação, causando enganos e até mal-entendidos.

Já a variação diastrática está relacionada às variações linguísticas encontradas nas diferentes camadas da sociedade e podemos relacioná-las diretamente, além da classe social, a outros fatores relevantes para a pesquisa, como o sexo e a idade do falante.

Na variação diamésica, o foco do estudo está na diferença entre língua falada e escrita. Podemos notar que, na modalidade oral, geralmente utilizamos frases mais curtas, contrações de palavras (né, tá,...), uso de gírias regionais, entonação, gesticulação etc. De acordo com Faraco e Tezza (2001),

na modalidade escrita utilizamos frases mais longas, a língua padrão e sinais gráficos. Evitamos, assim, a contração de palavras, somos mais rígidos e concisos.

2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL

O conceito de Sociolinguística Interacional ou Sociointeracionismo surgiu na década de 1970 e foi apresentado pelo linguista americano John Joseph Gumperz. Em seus estudos, Gumperz (2001) defende uma base teórica multidisciplinar apoiada nas áreas da linguística, da antropologia e da sociologia. Porém, segundo o linguista, foi o filósofo Paul Grice quem iniciou esse estudo da comunicação falada por uma perspectiva verdadeiramente social, enfatizando a cooperação conversacional como pré-condição para a compreensão.

Como o próprio termo nos remete, o Sociointeracionismo tem como foco as interações linguístico-sociais, as interpretações e inferências produzidas pelos interlocutores a partir dessa relação, sejam ligadas a traços linguísticos ou não linguísticos, como gestos, expressões faciais e pausas. O cientista social e autor canadense Irving Goffman (2002, p. 17) define a situação social da seguinte maneira:

[...] um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão 'presentes', e para quem os outros indivíduos estão acessíveis de forma semelhante.

Nessa perspectiva, a Sociolinguística Interacional é uma abordagem que analisa o discurso e tem como foco a nossa habilidade de interpretar o que os nossos interlocutores intencionam comunicar na interação oral cotidiana. Contudo, no estudo de Gumperz (2001), existem outros pontos a serem considerados nessa interação. Dentre eles,

o conhecimento prévio que cada indivíduo envolvido carrega em si, o qual desempenha um papel importante no desenvolvimento interpretativo. Dessa forma, concluímos que, quando os indivíduos não compartilham da mesma experiência prévia, cultural ou comunicativa, podem ocorrer diferentes interpretações e inferências. Em outras palavras, o linguista defende que a importância não está na linguagem denotativa, informativa, mas nas interpretações compartilhadas e não compartilhadas. Nesse processo, a intenção comunicativa é a questão principal e, para acessá-la, os interlocutores devem ir além do que está aparente, e concentrar não apenas no que é dito, mas nas suposições que sustentam a negociação.

Na teoria de Gumperz (2001), podemos ressaltar três palavras-chave:

- Intencionalidade: de natureza racional que se baseia em regras e convenções sociais.
- Interpretação: relacionada à partilha de informações e intenções entre os falantes.
- Significado Social: refere-se ao sentido da comunicação atingido pelos interlocutores a partir de seus conhecimentos socioculturais internalizados.

Ainda, de acordo com Gumperz (2001, p. 217, tradução nossa):

O problema fundamental não é decidir o que uma expressão significa, mas determinar o que o falante intenciona transmitir por meio de uma mensagem específica. Esta visão, que inferências estão enraizadas no discurso tanto quanto na circunstância local em que são produzidas é, até agora, largamente aceita em estudos do discurso¹.

Inferimos que este último conceito, em comparação com aqueles discutidos

¹ The fundamental problem is not deciding on what an expression means but determining what a speaker intends to convey by means of a specific message. This view, that inferences are rooted in discourse as well as in the local circumstances in which they were produced, is by now widely accepted in discourse studies.

anteriormente, evita generalizações com referência a grupos de fala precisamente isolados por critérios não linguísticos, tais como classe social e etnia, e defende uma ideia mais abrangente, a da análise dos processos interativos pelos quais os participantes negociam as interpretações, cooperando socialmente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, estabelecemos como objetivo para o presente artigo discorrer sobre as principais correntes de estudo da sociolinguística. Posto o objetivo, apresentamos discussões acerca da dialetologia, da sociolinguística variacionista e da sociolinguística interacional. Assim, compreendemos a base de estudos de cada uma dessas áreas e percebemos a relevância de conhecê-las. Cada uma delas possui especificidades que proporcionam um entendimento amplo sobre a língua em uso e nos faz refletir acerca do papel do professor de língua portuguesa no trabalho em sala de aula.

A dialetologia proporciona um olhar voltado para as variedades regionais, já a sociolinguística variacionista busca pelo estudo do meio social no qual o sujeito está inserido e a sociolinguística interacional investiga as variações que ocorrem na linguagem a partir de determinados contextos comunicativos. Dessa forma, a comunicação é base da vida em sociedade, portanto, comunicar-se é necessário ao homem. Para isso, foram criadas inúmeras formas de linguagem, o desenho rudimentar, os sinais, a pintura, até chegar à palavra.

Não restam dúvidas acerca da importância da comunicação, tanto falada como escrita, na nossa vida cotidiana. Por essa razão, o estudo da Sociolinguística, do desenvolvimento da linguagem, da forma como ocorrem as variações e as mudanças ao longo do tempo, torna-se tão rico e nos proporciona uma visão mais ampla

sobre algo que vivenciamos diariamente. A partir deste estudo, tornamo-nos mais conscientes do papel das diferentes subáreas da sociolinguística e da relevância de compreendê-las para realizar, em sala de aula, um trabalho contextualizado e que considere as diferentes realidades do aluno, assim como as variações que fazem parte do seu falar.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: Parte 1. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. **Prática de Textos para estudantes universitários**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GOFFMAN, Erving. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- GUMPERZ, John J. **Interactional Sociolinguistics: A Personal Perspective**. 2001. Disponível em: <<http://www.maxwell.syr.edu/uploadedfiles/exed/sites/ldf/academic/gumperz.pdf>>. Acesso: 25 nov. 2013.
- KENESEI, István. EFNIL Annual Conference, Madrid, 2006. Disponível em: <<http://www.efnil.org/conferences/archives/madrid-2006/papers/07-EFNIL-Madrid-Kenesei.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.
- SELL, Fabíola Sucupira Ferreira; GONÇALVES, Alberto. **Sociolinguística**. Indaial: Grupo Uniasselvi, 2011.
- SILVA, Augusto Soares da. Sistema e Variação: Quão sistemático pode ser o

sistema linguístico num modelo baseado
no uso? **Revista Linguística**, vol. 8, n.
1, 2012.

UNIASSELVI - Centro Universitário Leonardo da Vinci
Rodovia BR 470, Km 71, no. 1040, Bairro Benedito
Caixa Postal: 191 - 89.130-000 - Indaial / SC
Fone (47) 281-9000/281-9090
www.uniassevi.com.br
editora@uniassevi.com.br
